

A todos os amigos que o visitavam e com elle conversavam nos ultimos dias de sua vida prestes a extinguir-se, interrogava com a soffreguidão propria dos que sinceramente se interessam e se dedicam deveras pelo futuro da patria, sobre os assumptos mais importantes, e negocios mais urgentes, expondo os grandes projectos que o preocupavam e dos trabalhos que emprehenderia logo que recuperasse a saude.

Porém, mau grado seu, a hora terrivel estava quasi chegada e mal sabia elle que poucos dias apenas o separavam dos seus amigos!

Tal foi o por do sol daquella vasta intelligencia!

Contava apenas trinta annos de idade, quando a morte o surpreendeu e com elle os grandes projectos que o preocupavam.

E foi-se para Deus, quando apenas, onetava a carreira esplendida e ruído a para que nascera predestinado!

Queria que lhe fizessem na hora derradeira, como fosse uma suave consolação de que mais necessitava, dos horizontes novos que via rasgarem-se em futuro, aos impulsos passantes do progresso da civilisação, que era já uma realidade, como dizia elle no rico e vasto Imperio do Brazil.

Descansa em paz, meu nobre amigo!

E la de junto do throno augusto do Eterno, onde rebrilhas, qual estrella fulgarante, insinua no animo quebrantado de teus velhos e inconsolaveis paes, que tanto gozavam dos teus carinhos, o respeito sagrado que Deus tem tambem nos espiritos grandes e bem nascidos como tú.

Eu fico ensinando a minha filha que teho o teu nome, para que não perca jamais na minha familia a memoria de tuas virtuosas acções.

J. P.

Rio, 7 de Dezembro de 1876.

JOSÉ BASILIO DA GAMA

(N. em 1740 — M. em 1795)

José Basilio da Gama nasceu em S. José D'El-Rei, hoje cidade, no anno de 1740, sendo seu pai o capitão Mor Manoel da Costa Villas-Bôas e sua mãe D. Quitéria Ignacia da Gama, senhora de alta linhagem.

Em tenra idade foi José Basilio para o Rio de Janeiro, onde por sua rara intelligencia ganhou a estima do celebre lente da Escola Militar, o brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim, que lhe deu entrada nas aulas da famosa Companhia de Jesus.

Ainda ahi estudava, e já vestia a roupeta da Companhia como noviço, quando chegou ao Brazil a lei de 3 de Setembro de 1759 (publicada na Chancellaria mór do reino, em 3 de Outubro seguinte) expulsando do reino de Portugal e seus dominios — por justos e necessarios motivos (1) os clérigos regulares da Companhia de Jesus.

«Reflectindo a minha benignissima clemencia na grande afflicção, que hão de sentir aquelles dos referidos *particulares*, que, havendo ignorado as machinações dos seus superiores, se virem proscriptos como parte daquelle corpo infecto e corrupto:—hei por bem permitir, que todos aquelles dos ditos *particulares*, ainda não solememente professos, que a vós houverem recorrido para lhes relaxarem os votos simples, e que apresentarem demissorias, vozas;—possam ficar conservados nestes reinos e seus dominios...»

Graças a essa *benignissima clemencia* real contida na Carta d'el-rei ao Patriarcha Lisbonense de 3 de Setembro de 1759, poudo o nosso illustre comprouviciario continuar no Rio de Janeiro os seus estudos.

(1) Vide o «Mandamento do Cardeal Saldanha, Patriarcha de Lisboa acerca da expulsão dos Jesuitas», publicado em as Igrejas de todo o Patriarchado e dado no Palacio da Junqueira, em 5 de Outubro de 1759.

Essa lei (de 3 de Setembro) declarou os Jesuitas «por motivos rebeldes, traidores, adversarios, e aggressores que tinham sido e eram contra a minha Real Pessoa e estados, e contra a paz publica dos meus dominios e bem commum de meus vassallos» segundo o Alvará de 25 de Fevereiro de 1761.

Pouco tempo, porém, aqui se demorou, passando-se para Lisboa logo que falleceu o Insigne Gomes Freixo de Andrada, conde de Bobadella, que o estimava e protegia.

Em Lisboa curta foi sua estada; sendo mal olhado, não por faltas suas, o qual quer razão, que não tinha, porém, em razão de um ridiculo preconceito popular.

ster pertencido a Companhia de Jesus.

Passou-se em consequencia para Roma, onde os seus talentos e provado saber conquistaram-lhe uma cadeira em um Seminario e um lugar na *Arcadia Romana*, onde adoptou o nome de *Ferminio Siplio*.

De Roma passou-se para a cidade de Nápoles e d'ahi para o Rio de Janeiro.

Governava o Marquez de Lavradio, que, dando ouvidos a intrigas, remetteu o prezo para Portugal, a ser julgado pelo *Tribunal da Inconfidencia*.

A condemnação que teve, foi—rezidir em Angola, n'Africa.

Appellando para a sua Lyra via revogada aquella sentença.

Livrou-o um epithalamio, que fez as nupcias de uma filha do Marquez de Pombal, no qual envolveu elogios do grande sinistro pela reedificação de Lisboa e pela expulsão dos Jezuitas.

Pelos raras dotes do seu entendimento soubo José Basilio fazer-se estimado pelo Poderoso Pombal, que o nomeou official da secretaria d'estado das negociações de reino; e no dia 10 de julho de 1771 deu-lhe carta de nobreza e fidalguia, a qual está a folhas 155 v. do Livro Primeiro dos *Brasões*—(Varnhagem, *Florilegio*—Tomo I, pag. 276—Nota.)

Os trabalhos da Secretaria não o puderam divorciar-se das letras e desarmar a poesia.

O melhor do seu tempo passava-o no improbo estudo dos classicos, e lendo os seus favoritos Petrarca e Dante.

São d'esse tempo o poem *Quitubia* onde conta um regulo africano, alliado de Portugal, na guerra contra os holandezes;—o *epithalamio* ao casamento do conde da Rodinha—segundo filho do Marquez de Pombal em 1776; o *Lentivo* da Saudade do principe D. José, etc.

Foi ainda nessa afortunada estação de sua vida, que o nosso poeta commettou a arrojada aventura do *Uruguay* tão senhorilmente leva-la ao cabo.

Morrendo o rei D. José I.º, o querendo sua successora D. Maria I.ª comtoar o reinado lisongeou a nobreza do reino, que se mostrava desgostosa com a administração do Marquez de Pombal, demittio dos cargos que occupava. (1)

(1) Os desgostos da nobreza assim se explicam: o Marquez de Pombal elle só preenchia os officios, que em sua quebra foram partilhados entre o Visconde de Villa Nova da Cerveira, o Marquez d'Angreja, o conde da Ponte, o conde de Val-de-Reis, o D. João da Bemposta, D. Manoel de Menezes e D. José F. de Mendonça.

E, como sempre succede, já não podendo *servir*, o Marquez viu contra si essa eterna plebe dos ingratos de todas as jorarchias.

E, como foi justo e sempre inexoravel no seu governo contra os máos, grande foi a reacção operada a seu respeito.

Tentavam incendiar-lhe o palacio e assassinal-o; e conseguiram da rainha que o seu busto fosse tirado do pedestal da estatua de el-rei D. José.

Grande o coração tanto como a intelligencia, José Basilio foi sempre fiel ao grande homem, que o emulava de favores.

Por isso, e para guardar-se da vingança dos poderosos inimigos de Pombal, deixou o seu emprego e recolheu-se ao Brazil, onde governava um dos melhores nomes do velho Portugal, D. Luiz de Vasconcellos, o amigo das lettras e de seus cultores.

Por seu mal, estava a acabar-se o tempo do governo de D. Luiz, e entrou a governar o famigerado conde de Rezende. (3)

Juntamente ameitontado pelo que via praticar-se sob tão animosa administração na sua patria, e principalmente pela prisão do seu amigo e confrade o dr. Alvaronga, de novo atravessou o oceano e foi para Portugal.

Organização physicamente fraca e alquebrada por multiplicados trabalhos e soffrimentos, José Basilio da Gama morreu na cidade de Lisboa no dia 31 de Julho de 1795 e seu corpo foi enterrado na Igreja da Boa-Hora.

Morava em Lisboa, perto da Ajuda, na rua das Mercês, e está enterrado na Igreja da Boa-Hora, que hoje é freguezia.

Varnhagem *Florilegio* cit. pag. 277.

Envolve o denso veio do olvido a derradeira phase d'essa agitada existencia, e diz o Sr. Conego F. Pinheiro, apenas se sabe, que no anno de 1796 já não pertencia ao numero dos vivos.

Escriptas estavam estas linhas, quando vimos no *Diccionario* do Sr. Innocencio da Silva, que fallara José Basilio da Gama a 31 de Julho de 1795 e que fora sepultado na Igreja do extinto convento de N. S. do Belem:

Curso de Literatura Nacional pelo Conego Dr. F. Pinheiro, pag. 414 nota (1).

Pessoas que conheceram muito a José Basilio affirmam-nos, que era homem de bom tracto e bastante estimado na melhor roda da corte; dotado de serenidade de espirito, e de veia fecunda em anecdotos.

(3) «O leitor talvez não conheça quem foi o conde de Rezende.

Para lhe dar uma ideia dessa *peste da fidalguia portugueza*, veja-se no *Brazil Historico* o que publicamos.

(Dr. Mello Moraes — *Historia do Brazil Reino e Brazil Imperio* — Rio de Janeiro — Typ. Pinheiro e C.ª, 1871 — pag. 7 — Nota (*).

Era mediano de corpo, e em seu rosto trigueiro brilhavam olhos vivos.

O seguinte conto caracteriza seu bom humor e sangue frio:

Frequentava muito os passeios, à Cintra; e uma vez foi roubado no Caminho.

Os ladrões apenas tinham satisfeito suas intenções, disseram-lhe que só «possesse ao fresco».

Ja não me posso por mais, respondeu José Basilio, que estava nú; Vm.ºs se acooam ficam quentos; e á custa da minha roupa.

(Varnhagem — ob. cit. Florilégio).

Conhecemos duas edições do seu tão justamente festejado poema o *Uruguay*; a de 1769 em 8. e a de 1845 pelo Sr. Varnhagem, enriquecida de notas e com o *Caramuru* de Santa Rita. Darão formando o livro intitulado *Épicos brasileiros*.

Esta epopéa, cujo assumpto é a ennuquição do poder jesuítico nas Missões, e das Modernas de mais merecimento.

Extremando-se o seu auctor pelo talento da harmonia imitativa, pelo mechanismo da linguagem, sabendo sempre adoptar os tons ás imagens.

(Varnhagem).

É indubitavelmente o *Uruguay* o primeiro poema brasileiro tanto na ordem chronologica, como na perfeição da obra.

(Conego dr. F. Pinheiro cit. Craso de Litt.)

O *Uruguay* é o moderno poema que mais merito tem, na minha opinião.

Almeida Garrett, — Bosquejo da historia da lingua e poesia portugueza.

SONETOS

Já, Marfiza cruel, me não maltrata
Saber que usas commigo de cautellas,
Qu'inda te espero ver, por causa dellas,
Arrependida de ter sido ingrata.

Com o tempo que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrellas;
Verás murchar no rosto as faces bellas,
E as tranças d'ouro converter se em prata.

Pois se sabes que a tua formosura
Por força ha de soffrer da idade os damnos,
Porque me negas hoje esta ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,
Gozemo-nos agora, emquanto dura,
Já que dura tão pouco a flor dos annos.

Ao lançar-se no mar a não Serpente —

Ja do lenho as prizões se desataram,
E assustada Serpente as aguas trilha,
Já ondêa no mar a instavel ilha,
E já no fundo as ancoras pegaram.

Os ventos sobre as azas se firmaram
Por ver de perto a nova maravilha,
E ao vasto pezo da desforme quilha,
Gemeu Neptuno, e as ondas se incurvaram.

Verdes nimphas azues do pero undoso,
Conduzi pelos humidos lugares,
Este errante edificio magestoso:

E entre tantas emprezas singulares,
Veja o mundo qual e mais glorioso,
Das leis á terra, si por freio aos mares,

AO MARQUEZ DE POMBAL

De ti a lyra e o loiro a Arcadia fla,
Não envileças nunca o dom sagrado,
Canta do pae da patria... Assim dizia
Com a tremula voz o velho honrado,
Quando junto do Tibre, que o ouvia
Sobre tropheus antigos declinado,
Cingiu na minha fronte o verde loiro,
E poz nas minhas mãos a lyra d'oiro.

Amada lyra, si o teu doce acento
Abalastroncos, e levanta muros,
Enfrea as ondas, adormece o vento,
E abranda os corações dos tigres duros:
Acompanha o meu novo atrevimento,
Faze-te ouvir nos seculos futuros,
Se te assusta ir commigo aos pes do throno,
Instrumento infeliz, busca outro dono.

Pode um heroe no berço recostado
Despedaçar c'o'as mãos dragões torcidos,
Romper da eterna noite o horror sagrado,
Mostrar a luz ao cão dos trez latidos;
E um dos joelhos sobre o chão firmado,
Os braços pelas nuvens estendidos,
Sustentar elle só cheio de assombros,
Todo o pezo do ceo sobre os seus hombros.

Pode depois de longa resistencia,
Vir a seus pes o susto de Erimanto,
Dar um azylo á timida innocencia
Na terra, e o crime encher de horror e espanto;

Possuir os thesouros da eloquencia,
 Quem cuidou que os mortaes podiam tanto?
 Ponde Pombal... O' Grecia, não duvides;
 E tu cuidavas que eu cantava Aloides!

Afoga as serpes o indiano ousado
 E os ferozes leões co'a garra erguida,
 De curto ferro e de dextreza armado—
 Lança por terra o caçador numida;
 Porém contra as Esphinges, que rasgado
 Tem no selo da Europa alta ferida,
 Deu o ceo um heroe aos portuguezes,
 Dadiua que o ceo da bem raras vezes.

Europa, envolve o'rosto em negro manto,
 Tu viste o crime nos altares posto,
 E viste o irmão, da irmã, banhado em pranto
 O peito virginal rasgar com gosto;
 Consagras o punhal no templo santo
 Para depois ferir voltando o rosto
 Os velhos paes, os velhos innocentes;
 Tanto a superstição pode nas gentes!

Infama agora um povo de guerreiros,
 Vomita essas injurias, que tens promptas,
 Porque entornava o sangue dos cordeiros,
 Ou porque á branca rez domava as pontas,
 Os barbaros do mundo derradeiros
 Não contam mais estragos, que tu contas:
 O sangue humano, e não um crocodilo,
 Tornou infame o habitador do Nilo.

Si a Lusitania diz em seu abono
 Que não teme que a guerra hoje a destrua;
 Si são a fé, e o amor guardas do thono,
 Grande marquez, a gloria é toda tua.
 Ninguém perturba da innocencia o somno;
 Ensina aos povos a verdade nua
 O sacerdote em candidos vestidos,
 As mãos e os olhos para o céo erguidos.

O lavrador co'as mãos enlaçadas
 Entoa em teu louvor alegre o hymno,
 Responde o cegador co'as mãos doiradas—
 De seu nobre suor, tributo dino.
 E so co'a tua vista amedrontadas
 Aos gelos boreaes, ao Ponto Euxino
 Fogem de nós as guerras sanguinosas
 Detestadas das mães e das esposas.

No capacete a abelha os favos cria,
 Curva-se em souce a espada reluzente,
 O insecto industrioso as roupas fia,
 Outras fia a Serrana diligente;

Manda ao Tejo brilhante pedraria—
 O ultimo occaso, o ultimo oriente
 Ao Tejo manda perolas redondas,
 Arbitro antigo das ceruleas ondas.

Formoso Tejo, que do patrio assento,
 Respeitado das tropas do inimigo,
 Ves ondear a descrição do vento
 No elmo as plumas, na seara o trigo:
 Reconhece do throno o firmamento,
 A balança do premio e do castigo,
 O pae da patria, o defensor da Igreja:
 Vae ao grande marquez, e os pés lhe beija.

Depois, ao mao que viu o caso triste,
 Que cinzas reduziu Lisboa inteira,
 Pinta a nova Lisboa, e que lhe ouviste
 Que não tinha saudades da primeira;
 Conta-lhe a doce paz, diz que a viste
 De carvalho a pacifica oliveira
 Enramadas as torres e altos muros,
 Ir por as mãos sobre os altares puros.

O monstro horrendo do maior delicto,
 Que abortou do seu seio a noite escura
 Por obra desta mão no alto conflicto
 Manchou de negro sangue a terra impura
 Range debalde aos pes do throno invicto
 A soberba, e debalde erguer procura
 A aterradora cabeça, em que descança
 O duro conto da pesada lança.

Quiz erguer a ambição com surdas guerras
 Phantastico edificio, aereas traves,
 Porém geme debaixo d'altas serras
 E tem sobre o seu peito os montes graves.
 La vão passando o mar a extranhas terras
 Os negros bandos das nocturnas aves,
 Com a inveja, ignorancia, e hypocrisia,
 Que nem se atrevem a encarar o dia.

Não temas, não, marquez, que o povo injusto
 De teus grandes serviços esquecido,
 Pelos gritos da inveja enfurecido
 Sollicite abolir teu nobre busto.

Para ser immortal teu nome augusto
 Não depende do bronze derretido,
 Em mais firmes padões fica insculpido
 Teu nome excelso, teu valor robusto.

Lisboa restaurada, o Reino amado
De sciencia, de industria e de cultura,
De politica e commercio apropriado:

A tropa regulada, a fé segura,
O thezouro provido, o mao guardado:
— Eis aqui do teu genio a copia pura.

Os primeiros Cantos do sr. Gonçalves Dias — que vão regenerar nos a rica poesia nacional de *Basilio da Gama* o *Durão*.

(*Alvares de Azevedo* — discurso pronunciado na sessão academica do 11 de agosto de 1849, em S. Paulo).

Foi o primeiro monumento levantado pela lingua portugueza, em honra da poesia americana — o celebre *Uruguay* — de José Basilio da Gama, o moderno poema que mais merito tinha na opinião de Garret.

(Macedo Soares — *Harmonias Brasileiras* — nota B.)

« No retrato do heróe, querendo dar uma ideia da sua ligeireza em atirar o arco, o sr. Magalhães ficou, para mim, aquem de José Basilio da Gama, no seu poemeto ao *Uruguay*.

Ha neste ultimo mais simplicidade de forma, e ao mesmo tempo mais energia de pensamento...

Não creia, meu amigo, que pretendo dar ao *Uruguay* os honros de um modelo de poesia brasileira; não: nem José Basilio era um verdadeiro poeta nacional, embora nascido no Brazil, nem escreveu uma epopéa, mas um simples poemeto, um pequeno episodio.

« Entretanto, apesar das searas, das neves, dos pastores e das nymphas; apesar do gosto da epopéa em que viveu, teve alguns raios de inspiração, alguns hálitos das auras da nossa terra, como ainda não encontrei na *Confederação dos Tamoios*.

(J. de Alencar — *Carta sobre a Confederação dos Tamoios* — Rio de Janeiro 1856, pagina 21).

«... A gloria que a lyra brasileira reservava ao futuro heróe do *Uruguay* estava destinada, não á uma academia inteira, mas ao unico poeta que tinha de valor mais do que todos esses academicos, que tão chulos de mo lastia se denominaram de *selectos*!

A moza jezuita não o podia inspirar; cheia de si, os illustrados parés nem contavam nessa hora de tanto orgulho e vaidade que alli os escutava o noviço que a todos elles tinha de eclipsar, o esse noviço chamava-se *Basilio da Gama*.

(J. Norberto do S. S. — *A Academia dos Selectos* na «*Revista Popular*», n.º 90, de Setembro de 1862.

O nosso J. Basilio da Gama figura entre os quinze retratos da bella galeria do illustrado dr. Moreira de Azevedo sob o titulo — *Ensaes Biographicos*, (1861).

O Capitão Richard F. Burton, o auctor dos «*Highlands of Brasil*» escreveu no *Atheneum* de Londres de 24 de fevereiro de 1872 uma extensa carta sobre a litteratura brasileira, na qual refere que traduziu para a lingua ingleza o *Uruguay* (*Vide Novo Mundo*, n. 18 de Março de 1872, pag. 95).